

## Três imagens da mulher em *Ressurreição*

**Resumo:** O artigo apresenta imagens femininas presentes no último grande romance de Tolstói, relacionando-as com a moralidade do escritor.

**Palavras-chave:** Romance russo, mulheres, cristianismo.

**Abstract:** This article presents the female images found in Tolstoy's last great novel, relating them to the writer's morality.

**Keywords:** Russian novel, women, Christianity.

“Ressurreição” (*Voskressiénie*), o último grande romance de Tolstói, publicado em 1899, foi escrito, com interrupções, durante dois lustros e teve cinco redações. A idéia surgira-lhe dois anos antes, em 1887, de um caso, a ele contado pelo escritor e advogado A. Koni da sua prática forense: rapaz rico seduz moça pobre, esta engravida, entrega o filho a um orfanato, não consegue meios para a sobrevivência, vai para um prostíbulo e acaba em um tribunal, acusada de furto de dinheiro de um cliente bêbado; no banco dos jurados, encontra-se ninguém menos do que o seu sedutor; este decide casar-se com ela, que, logo depois da condenação, adoece na prisão e falece. Tolstói interessou-se vivamente pela história e sugeriu a Koni que lhe desse tratamento literário e a enviasse à editora *Posriédnik* (*Intermediário*). Passou-se um ano sem que Koni houvesse encetado a tarefa, e ele, a pedido de Tolstói, cedeu-lhe o enredo.

Sentimento de culpa, expiação... Outro tema não viria tanto a calhar ao Tolstói de então. Ele estava engolfado, desde os 54 anos, por profunda crise moral; o senhor semifeudal, o grande aristocrata envergonhara-se do luxo da sua casa, da fartura da sua mesa e da futilidade e perversidade das pessoas do seu meio e passara a desejar uma vida simples, com a máxima simplificação das necessidades materiais; em decorrência disso, arava a terra com camponeses, cortava madeira com lenhadores, alfabetizava crianças e procurava a companhia dos simples do mundo.

As personagens começaram a mover-se, sob a pena de Tolstói, em período particularmente penoso da sua vida. Queria viver de acordo com as suas crenças, mas o ambiente doméstico opunha-lhe resistência. Lê-se no seu *Diário íntimo*: “*Como sofro entre a minha família!... Não atentam no sentido das minhas palavras, mas apenas na indiscrição que cometo ao pronunciá-las... Assombra-me a absoluta ausência de piedade dos meus.*” A situação familiar piora ainda mais, quando o patriarca renuncia aos direitos autorais sobre as suas obras, a partir de 1881, em prol de obras sociais – a esposa e os filhos vêem os seus interesses prejudicados e recorrem aos tribunais.

A atividade literária de Tolstói estava relegada a segundo plano. Em Junho de 1883, recebera da França, de Turguiénev, minado por um cancro na medula, uma carta, cujo final é: “*Não tenho cura, e é vão pensar nela. Escrevo-lhe somente para dizer-vos que estou orgulhoso de haver sido vosso contemporâneo e para dirigir-vos um derradeiro apelo. Amigo meu, voltai ao trabalho literário... Amigo meu, grande escritor da terra russa, escutai-me*”. O tempo subtraído ao que considerava vão gastava-se na publicação das suas idéias de transformação da sociedade, em visitas a cárceres, escolas, feiras, hospitais.

Com a benevolência do leitor e da leitora, apresentaremos por alto uma questãozinha, surgida no decorrer da nossa tradução de “*Voskressiênie*”: a ausência de artigos na língua russa. Assim, o título da obra poderia ser “*A ressurreição*”, “*Uma ressurreição*” ou, ainda, simplesmente, “*Ressurreição*”, sem artigo. Diz-se “*as cruzadas*” e “*o Romantismo*” porque se supõe que todos saibam dessas expedições armadas e desse movimento artístico; “*a ressurreição*”, por sua vez, exigiria um complemento, como acontece em “*a chegada (de que? de quem?) da carta, dos convidados*”; como o título do original não diz de que ressurreição se trata, exclui-se a alternativa com o artigo definido. A segunda, com o indefinido, também não se sustenta, pois faz pensar na revivescência de uma pessoa ou de uma coisa, quando, no romance, se insinua a idéia de ressurreição muito além da esfera individual. Impõe-se em primeiro plano a sua idéia genérica, e isso repele o uso de artigo; conseqüentemente, fica “*Ressurreição*”. Este substantivo, desacompanhado de quaisquer adjuntos adnominais, casa melhor com a idéia de Tolstói da necessidade de regeneração da Humanidade toda, dos seus costumes e das suas bases morais. E é tal pensamento que abre o romance, com a contraposição entre as atitudes (e até os odores!) das pessoas e os movimentos e aromas da Primavera – esta, a Natureza na sua quadra de renascimento, “*ressurreição*”.

Por mais que as pessoas, reunidas às centenas de milhar em um sítio pequeno, se empenhassem em desfigurar a terra em que se apinhavam; por mais que cravejassem pedras no solo, para que nele nada crescesse; por mais que arrancassem toda e qualquer ervinha despontante; por mais que impregnassem o ar do fumo de carvão de pedra e petróleo; por mais que podassem as árvores e afugentassem todos os animais e aves, a Primavera era Primavera inclusivamente na cidade. O Sol derramava o seu calor; a erva, tornando à vida, crescia e verdejava em todos os lugares, de onde a não haviam raspado, não apenas nos relvados das alamedas, senão também entre as lajes de pedra; as bétulas, os álamos e a cereja galega punham as suas odoríferas e pegajosas folhas; as tílias tumesciam os gomos, que rebentavam; as gralhas, os pardais e os pombos, com a alegria primaveril, preparavam já os seus ninhos, e as moscas, aquecidas pelo sol, zuniam junto dos muros. Estavam ledas as plantas, as aves, os insetos e as crianças. Porém as pessoas — as grandes, adultas — não paravam de enganar e atormentar umas às outras. Julgavam que sagrada e importante fosse, não essa manhã primaveral, não essa formosura do mundo de Deus, dada para o bem de todos os seres, formosura que predispunha à paz, à concórdia e ao amor, mas que sagrado e importante fosse o que elas próprias haviam inventado para dominarem umas às outras.

Assim, no escritório da penitenciária provincial, considerava-se sagrado e importante não que a todos os animais e pessoas houvessem sido dadas a comoção e a alegria da Primavera; julgava-se sagrado e importante o fato de que, na véspera, se recebera um papel com número, carimbo, cabeçalho e a ordem de que, por volta das nove horas da manhã daquele dia, vinte e oito de Abril, se levassem ao tribunal três reclusos — duas mulheres e um homem — que se encontravam à espera de julgamento.

Os cinco primeiros verbos designam ações humanas contra a Natureza, insanas e terríveis, mas incapazes de impedir o triunfo da Primavera; têm-se orações, que, pela extensão, exigiriam, na leitura (ao menos aos nossos ouvidos lusófonos), uma pausa maior do que a sugerida pela simples vírgula do texto russo (por isso, o nosso ponto-e-vírgula).

As pessoas dão as costas ao verdadeiramente importante e ocupam-se tão-somente em prejudicar umas às outras; afastam tanto quanto podem de si a natureza e norteiam a sua existência por um código de comportamento inatural e, por conseguintemente, equivocado. A oração principal do primeiro período é precedida por cinco orações subordinadas (cinco adverbiais concessivas, uma adjetiva restritiva e uma adverbial final), separadas, no original russo, por mera vírgula. Com a pausa maior, proporcionada pelo ponto-e-vírgula, atenua-se a

monotonia da repetição da conjunção “*por mais que*”. Há, também, outra razão para a sua escolha: a pausa, por ele dada, traduz melhor o espaço da vanidade da ação do sujeito das subordinadas adverbiais concessivas, e o espaço do triunfo do sujeito da oração principal. Tolstói pôs a Primavera a cavaleiro das ações da Humanidade, e o ponto-e-vírgula, usado como fecho das orações concessivas, predispõe melhor o leitor para a passagem do discurso sobre as atitudes humanas para um valor mais alto, que com elas contrasta pela sabedoria e sensatez.

No romance inteiro, há muito da experiência, das vivências e, evidentemente, da inquietação espiritual de Tolstói. Essa sua primeira página, reproduzida do texto da nossa tradução do romance, aproveita quase literalmente a descrição de uma manhã abrilina de Iásnaia Poliana, feita por ele em carta à esposa. Essa página inicial traz, ainda, a súplica da tese, que Tolstói brandirá no romance inteiro: *O mundo está errado, e eu sei como endireitá-lo*. O primeiro alvo do seu ataque é a ordem estabelecida; ele não justifica os atos dos criminosos, mas crê que estes, nas condições da Rússia de então, não tinham como não cometer crimes; é mais severo no julgamento das autoridades e dos legisladores, pois via o desprezo, a truculência dos defensores da ordem social vigente, do mais alto magistrado ao mais torpe guarda de quartirão, no trato com as gentes do povo. Tolstói afirma: quem faz as leis e quem as aplica, são pessoas tão indignas, quanto quem as infringe; todos temos os nossos crimes e ninguém tem dignidade suficiente para julgar os outros e enviar os seus semelhantes para o cárcere. Tal argumento apresenta-se seguidamente, em várias situações, nos exemplos de diversas pessoas e com a discussão de artigos do Código Penal, em conversas da personagem Nekhlúdob com ministros, generais, comissários de polícia, promotores e advogados. Aponta-se inequivocamente o próprio czar como o maior culpado de a Rússia ser um calabouço e um vale de lágrimas para o seu povo<sup>1</sup>. Na ardente impaciência e na veemência do narrador, ninguém consegue deixar de ver a figura sisuda de um profeta barbudo de dedo em riste para a sua grei, tão associada ao autor do romance.

O romance é a história da “ressurreição” de um canalha, Nekhlúdob. O príncipe cheio de empáfia, ao rever a sua vítima, Kátia, dez anos depois, sofre um abalo e, imediatamente após o julgamento daquela, começa a envidar todos os esforços para aliviar-lhe os sofrimentos. Nas idas de Nekhlúdob dos salões elegantes dos poderosos aos casebres e prisões dos oprimidos e vice-versa, Tolstói debuxa uma Rússia monstruosa, de um povo corroído pela desnutrição, pelas doenças e pelo trabalho pesado e tangido por uma casta de gente cruel e preocupada

apenas com o luxo e os prazeres mundanos. De dedo em riste, o escritor ataca com o ácido do seu desprezo a igreja ortodoxa, a aristocracia e toda a administração imperial, não se detendo nem diante do czar, e mostra todas as injustiças e crueldades, que se podem perpetrar contra os nossos semelhantes.

Tolstói conduz Nekhlúдов por corredores fétidos de ergástulos, por celas repletas de percevejos e piolhos, por tugúrios escuros e insalubres, por caminhos lamacentos e estradas áridas e sem frescura de arvoredo, para mostrar à personagem que a sua boa vida de parasita se obtivera à custa de privações alheias. Tolstói não nos ilude quanto ao vil metal, com que o príncipe erigira de si um monumento; vemos como Nekhlúдов se deixa entorpecer pelos estímulos do seu mundo, ao qual se diz disposto a renunciar (o jogo de sedução de uma dama rica, os cheiros de uma residência aristocrática, um matrimônio burguês com filhinhos bonitos), e como, depois de fazer o que a mais elementar decência ordenava, sente uma espécie de comichão no nariz, *“provocado por um estado de enternecimento por si próprio e por todas as suas virtudes”*. E esse santarrão, depois de lauto e saboroso almoço, com vodca e café, redige cinco mandamentos para a transformação deste mundo num paraíso:

*“Primeiro mandamento (Mateus, V, 33-37). O homem não apenas não deve matar, senão também não deve irar-se com o seu irmão, não deve considerar desprezível a ninguém e, se contender com alguém, deve reconciliar-se com tal pessoa, antes de fazer um sacrifício a deus, isto é, antes de rezar.*

*“Segundo mandamento (Mateus, V, 27-32). O homem não apenas não deve cometer adultério, senão também deve evitar deliciar-se com a beleza da mulher; deve, ao unir-se a uma mulher, não traí-la nunca.*

*“Terceiro mandamento (Mateus, V, 33-37). O homem não deve prometer nada por meio do juramento.*

*“Quarto mandamento (Mateus, V, 38-42). O homem não apenas não deve pagar olho por olho, dente por dente, senão também deve oferecer a outra face, quando lhe golpearem uma; deve perdoar as ofensas e suportá-las com resignação e não recusar o que lhe pedirem os seus semelhantes.*

*“Quinto mandamento (Mateus, V, 43-48). O homem não apenas não deve odiar os seus inimigos e combatê-los, senão também deve amá-los, ajudá-los e servi-los” (3, XXVIII).*

O romance tem esse fecho insatisfatório, para dizer-se o mínimo, com um palavreado oco, que nem se envergonha de ocultar a sua origem viciosa. A lógica do desenvolvimento da personagem, porém, não podia realmente conduzir a nada nem ao de leve diferente disso. Esse pentálogo é muito coerente com o pensamento de Tolstói, cristão sem

igreja e simpatizante do budismo, com a sua pregação da não-violência em resposta ao mal. Ele, assim como Dostoiévski, falecido em 1882, devia pressentir o deslizar da Rússia para o abismo, as terríveis convulsões do futuro, que os anjos vingadores de Tchernychévski preparavam no horizonte escuro, infiltrados na imensa massa explorada; a “Canção do albatroz” de Górkí anunciava a tempestade, e milhões de pequenos Vankas, como o do conto homônimo de Tchékhev, escreviam cartas aos seus avós da aldeia, implorando resgate das garras dos patrões. O reacionarismo dos mandamentos de Nekhlúdob emana já do fato de que ele é um beneficiário direto e imediato deles, como parasita alimentado e vestido por camponeses analfabetos e miseráveis; a dívida dos ricos era ingente, e seria de justiça que fossem despojados até do último pé de meia, mas eis o que se vê: prega-se aos explorados que não lhes apresentem nunca a conta das pilhagens e ofensas, ou seja, que matem a fome com a estearina dos círios das igrejas, não exijam o trigo regado com o seu suor e suportem calados os pescoços e pontapés dos senhores de terras...

Mas fiquemos apenas no segundo mandamento. Ele traz a alegada desavença entre corpo e espírito, merecedora de discussão dilatada, e assaca culpas a metade da Humanidade. Como se sabe, as maiores vítimas das calúnias e maldições dos pregadores religiosos são as mulheres. Em “Ressurreição”, Tolstói apresenta-nos três visões da mulher, pela ótica da personagem masculina. Vejamos como isso se insere na sua filosofia do amor. Este é parte de algo maior — a filantropia; nesse contexto, o verdadeiro amor entre um homem e uma mulher é parte do amor de cada um a toda a Humanidade. Isso em uma situação; em outra, mais freqüente, o sentimento entre duas pessoas é despojado de todo o encanto e magia, que insistimos em nele ver.

A primeira visão é a mulher identificada com o que há de mais belo e excelso no Universo. É a que o jovem Nekhlúdob, cheio de idéias generosas, ainda não iniciado na vida mundana e sem os preconceitos de classe, tem de Katiucha, durante uma missa.

Tudo era festivo, solene, alegre e belo: os sacerdotes de casulas com cruzes de prata e ouro, o diácono, os sacristãos de estolas de prata e ouro de gala, os elegantes cantores voluntários de cabelos untados, as alegres melodias de dançar dos cantos festivos, a ininterrupta bênção do povo pelos sacerdotes com as três velas ornadas de flores e as repetidas exclamações: “Cristo ressuscitou! Cristo ressuscitou!” Tudo era belo, mas *mais linda do que tudo era Katiucha* de vestido branco e cinto azul celeste, de lacinho encarnado na cabeça negra e os olhos cintilantes de enlevo (1, XIV).

Quando, um sacristão, que carregava uma cafeteira de cobre, des-  
via-se de Nekhlíudov, por respeito a ele, e por isso esbarra em Katiu-  
cha, o príncipe muito se admira de que o homem “ não compreendesse  
que *tudo o que existia ali e até no mundo todo, existia somente para Katiucha*  
e que se podia menoscar tudo no mundo, menos ela, porque *ela era*  
*o centro de tudo. Era para ela que luzia o ouro da iconóstase e ardi-  
am todas as velas do candelabro e dos castiçais, e eram para ela aqueles cânticos de júbilo:*  
*“É a Páscoa do Senhor, ó gentes, regozijai-vos”*. *E tudo o que havia de bom*  
*no mundo, tudo era para ela”*.

Esse é o amor, em que os amantes se reconhecem um no outro. Os  
desejos, as disposições e os pensamentos de um são os do outro: “ele  
via que exatamente a mesma coisa, que cantava na sua alma, também  
cantava na dela” (1, XIV).

Para a revelação desse amor, Tolstói escolhe uma data de confrater-  
nização nacional (a Páscoa ortodoxa); em feriados como esse, der-  
rui-se, ou, melhor, fica mais baixa a barreira, erguida entre as pessoas  
pelos usos e costumes, pelas diferenças de status sócio-econômico e  
pela afirmação da personalidade individual; assim, o príncipe, ao ver  
Katiucha beijar um mendigo leproso no adro da igreja, faz o mesmo.

“No amor entre um homem e uma mulher, há sempre um minuto,  
em que esse amor atinge o seu zênite, em que nele não há nada de cons-  
ciente, de racional, nem de sensual. Tal minuto foi para Nekhlíudov  
aquela noite do domingo da ressurreição de Cristo. Quando ele agora  
recordava Katiucha, então, de todas as situações em que a vira, aquele  
minuto eclipsava todos os demais. A cabecinha negra, lisa, brilhante, o  
vestido branco com pregas, que lhe cingia virginalmente o talhe airoso  
e o seio apenas formado, os olhos negros, cintilantes, levemente estrá-  
bicos da noite insone, e, em todo o seu ser, dois traços principais: a pu-  
reza do seu *amor virginal não apenas a ele* (ele bem o sabia), mas também  
*o amor a todos e a tudo*, não apenas a tudo de bom que existia no mundo,  
mas inclusivamente ao mendigo, a quem ela beijara.

“*Ele sabia que nela existia tal amor, porque tomava consciência deste em*  
*si, naquela noite e naquela manhã, e tinha a consciência de que naquele*  
*amor se fundia com ela num ser só”* (1, XIV).

Assim, o amor aparece como o catalisador de todas as reações do  
espírito contra as imposições do ego; não remete os amantes para um  
mundo apartado do destino dos outros; antes, estabelece liames deles  
com as demais pessoas; não é o sentimento arrebatador, que num só  
hausto sorva o mundo todo, mas, sim, um vórtice ao contrário: a vida  
do casal é um receptáculo insuficiente para tanta dita, e esta reparte-se  
em acenos e afagos aos outros. É um amor, que esparrama luz pelos

caminhos e cuja chama acarinha quem tem frio; enfim, é um amor pertencente às alturas, mas consumado pelos amantes na terra, em meio às agruras dos semelhantes.

A situação muda radicalmente, quando se dá o reencontro de Nekhlúdob e Katiucha, alguns anos depois. Na sua existência de jovem rico e mimado, não há nada que lhe direcione o mundo interior para os caminhos do amadurecimento do espírito e do intelecto; está "estragado por São Petersburgo e pela vida militar". A pureza e a gentileza de outrora substituíram-se por um egoísmo feroz, alicerçado no embotamento, cinismo, tédio e falta completa de lastro moral; ele, agora, é um ego totalmente entregue ao impulso dos sentidos, um ser averso à honra, à decência, à vergonha, à compaixão e à simpatia, que não se priva de nada por motivos de moral e desconsidera tudo o que possa pôr entraves aos prazeres. Na mulher, não enxerga a doçura, o talento ou a cultura (coisas supérfluas para ele); vê apenas a beleza da fêmea sob um vestido; o seu instinto amoroso pára onde acaba o sexo; o seu erotismo não se aprofunda para além da epiderme. Enfim, a mulher, agora, é vista tão-somente como o instrumento mais agradável, e também o mais forte, de prazer terreno. Assim, o príncipe, quando chega à casa das tias, na viagem ao encontro do seu regimento, e revê Katiucha, vale-se do sentimento dela por ele para a satisfação dos seus desejos.

Cai a noite, e Nekhlúdob sai ao terreiro e posta-se à janela de Katiucha.

"No terreiro, estava escuro (...), e a neblina branca, que, na Primavera, expulsa a última neve ou se dissemina dela, quando esta começa a derreter, ia enchendo todo o ar. Do rio, que ficava a cem passos, aos pés de uma escarpa abrupta, em frente à casa, ouviam-se sons estranhos: rompia-se o gelo. (...) Ele olhava para ela e escutava involuntariamente, a par da batida do coração, os sons estranhos, que vinham do rio. Neste, em meio à neblina, realizava-se um trabalho incansável, lento, e algo ora resfolegava, ora estalava, ora se abatia abaixo, ora eram os finos blocos de gelo, que retiniam qual vidro" (1, XVII).

Então, sucede o que seria a desgraça de Katiucha. É a segunda e última passagem, em todo o romance, em que Tolstói põe a Natureza em cena. Ele conecta o destino de um indivíduo ao movimento do cosmos e confere ao rio o papel de pano de fundo dos sentimentos de Nekhlúdob, da inútil resistência dos seus resquícios de escrúpulo e nobreza ao impulso dos sentidos.



No terreiro, estava mais claro; embaixo, no rio, os estalos, o retinir e os resfolegos eram ainda mais fortes, e aos sons anteriores juntou-se o murmúrio da água corrente. Já a neblina começara a baixar, e de trás dela surgiu o quarto minguante, a iluminar lugubrememente algo negro e terrível.

Essa magnífica paisagem de Tolstói insere-se numa tradição, observada na literatura russa, de colocar a noite como cenário de acontecimentos funestos (vide o torvelinho de neve, que separa os amantes na novela homônima de Púchkin, e o suicídio de Svidrigáilov em “Cristo e castigo”).

Muito tempo depois, Nekhlúdob, ao sair de um teatro, onde estivera em companhia da esposa de um ministro, vê, na avenida Niévski, uma mulher alta e bonita: “no seu rosto e em toda a sua figura, podia ver-se a consciência do *seu poder mau, indecente*” (2, XXVIII). A outra vem-lhe à lembrança: “E, estranho, Nekhlúdob lembrou-se de Mariette, porque experimentava o *mesmo sentimento de atração e repugnância, que provava no teatro*”. O Nekhlúdob de agora é o criminoso arrependido, desejoso de sofrer, depois que uma certa luz de fonte indefinida lhe parece banir da alma a escuridão do desconhecimento da sua sordidez e canalhice. Supomos que tal luz seja uma espécie de inspiração *de cima*, pois remete à mitologia bíblica; os seus pensamentos sobre a mulher são eivados da repugnância, que aparenta sentir, agora, pelo mesmo sentimento, que o fazia aproximar-se delas; a sua atitude torna-o parecido ao cavaleiro expulso de um país maravilhoso por seres sobrenaturais, irritados com o furto, do seu vergel, dum fruto provocantemente vermelho pela companheira do pobre inocente. Delineia-se a figura da mulher-serpente, posta por Satanás no caminho do homem para desviá-lo do Bem. Os raciocínios de Nekhlúdob são coerentes com a sua índole egoísta de predador, acostumado a associar às mulheres não o amor de mãe, a ternura de esposa, o entusiasmo de companheira ou a simpatia de amiga, mas somente o objeto de satisfação da sua força máscula.

A do teatro sorriu-me do mesmo modo, quando entrei, — pensava ele, — e o mesmo sentido havia no sorriso de uma e da outra. A diferença está apenas em que esta diz simplesmente e diretamente: ‘Se precisas de mim, pega-me. Se não precisas, segue adiante’. Aquela finge que não pensa nisso e, sim, que vive de sentimentos elevados, refinados, mas, na base, está mesma coisa. Esta, pelo menos, é sincera; a outra mente. Mais do que isso, esta foi levada à sua situação pela necessidade; a outra, por sua vez, brinca, recreia-se com *essa bela, repugnante e terrível paixão*. Esta mulher de rua é uma água imunda e fé-

tida, que se oferece a quem a sede é maior do que a repugnância; a do teatro é um veneno, que empeçonha imperceptivelmente a tudo com que entra em contacto. — Nekhlíudov lembrou-se do seu caso com a esposa do decano, e foi engolfado por recordações vergonhosas. — É repugnante a animalidade no ser humano, — pensava ele, — mas, quando ela se apresenta na sua forma pura, tu, do alto da tua vida espiritual, a vês e desprezas e permaneces quem eras, havendo cedido ou resistido a ela; mas, quando essa mesma coisa animal se oculta sob um invólucro ilusoriamente estético, poético, e exige reverência diante de si, então, ao endeusares o que é animal, tu te devotas inteiro a ele, sem distinguir já o bom do mau. Então, isso é terrível.

É possível que Tolstói, com a sua moral vitoriana, também não tivesse as mulheres em alto conceito e que a sua pregação da abstinência sexual derivasse de uma eventual misoginia. A mulher, em obras do escritor, somente não é um ser perigoso, se totalmente adstrita ao lar, dependente do homem, impossibilitada de desenvolvimento próprio e dotada apenas das qualidades de boa mãe e de algumas habilidades práticas (gastar bem o dinheiro da casa, gerir o trabalho dos empregados, saber entreter hóspedes). Atinge-se o ideal de matrimónio na união de uma mulher absorvida pelos deveres da maternidade e um homem já com pouca energia sexual (“A felicidade conjugal”). A mulher constitui, assim, propriedade do homem e é necessária, neste mundo, apenas para a manutenção da população em patamar estável. O homem não lhe abre de bom grado as portas da tão encomiada vida espiritual; não se deve permitir à esposa aprender a tocar piano ou a cantar, pois a Arte representa um meio agradável mas temerário de excitar os sentidos; a Música, em particular, é um perigoso afrodisíaco, a gaita do Diabo (“Sonata a Kreutzer”).

Nós deixamos de parte o aspecto político-ideológico da obra, que discutimos em outro trabalho, para atermo-nos à questão feminina, e queremos, sem abusar da paciência do leitor e da leitora, tratar de raspão uma outra, suscitada na apresentação dela: a alegada oposição corpo-espírito.

Como toda a pessoa religiosa, Tolstói nutria o prejuízo de que todos provêm do pecado e já com o pecado nas costas, à guisa de capote, tal como o filhote de tartaruga nasce já com a sua carapaça; interpreta-se o choro do recém-nascido, espasmo dos pulmões enchidos de ar pela primeiríssima vez, não como o brado de um ser a quando da sua passagem brusca do seu meio original a outro bem diferente, mas como a ventríloqua confirmação de que a mãe o concebera em pecado e, portanto, devia pari-lo com dor; ou seja, o mais inofensivo nenê entra já na

senda da vida com um saco de culpas, herdadas do apetite salaz dos seus antepassados das lendas bíblicas, e ai do pobrezinho, se expirar antes de ser levado à pia batismal! Com a marca a ferro dos genitores, já crescidinho, para escapar aos horrores de suplícios eternos em sítio ainda ignoto dos geólogos, tem de apegar-se à fé religiosa e confessar regularmente as suas faltas a senhores de fala melíflua e aspecto santo.

Tolstói era contra a religião institucionalizada com templos e hierarquias; por outro lado, queria fundar a sua, produto da fusão da tradição judaico-cristã com elementos das crenças e do pensamento da Índia e da China. Partindo, como os próceres do cristianismo, dos mesmos pressupostos, entre eles o da dicotomia entre corpo e espírito, Tolstói afirma que o que é bom para o primeiro, ofende o segundo. Logo ele, uma natureza passional e sensual, uma natureza, que reagia vividamente às impressões e estímulos do mundo, um homem com superabundância dos sentidos, vem afirmar que há necessariamente conflito entre os nossos instintos e a razão e que, ao fim e ao cabo, a natureza humana é má; por outras palavras, ele aponta os desejos humanos como algo que se deva suprimir, ou reprimir, com a devoção religiosa.

Nós temos esta vida sensitiva, a vida dos sentidos e dos sentimentos, e não devemos depreciá-la, e até podemos tirar dela o melhor, tendo, em simultâneo, um comportamento perfeitamente ético. Por que não nos deliciarmos com o canto das aves, já que elas cantam? E para isso não devemos prendê-las em gaiolas. Por que não louvamos em poemas e canções a comida saborosa, se com isso até ajudamos os cozinheiros a sustentarem as suas famílias? Por que recusarmo-nos a beber um copo de bom tinto, se isso alegra a nós e os nossos convivas, não prejudica o nosso equilíbrio psíquico, nem a nossa saúde, e não atrapalha o cumprimento das nossas obrigações? Por que não nos regozijarmos com a pele aveludada dos pêssegos, a maciez úmida da areia da praia, o afago do sol de Maio e o orvalho das noites de Verão e não nos embriagarmos da alegria de viver, se a Mãe-Natureza se esforçou tanto por pôr as suas criações à nossa disposição? Por que não podemos amar o sexo oposto e entregar-lhe o melhor da nossa ternura e dividir com ele o leme inquieto das nossas buscas e sonhos? Isso é impossível apenas para a gente que, inebriada pelas promessas de bens e compensações depois da morte ou temerosa das labaredas do inferno, dá à consciência primazia sobre a matéria e aceita que padres e pregadores como Tolstói lhes encham a cachola de vento e perpetrem ali atentados contra a alegria de viver.

Nós podemos fazer tudo isso, sem maltratar os nossos semelhantes, sem matar animais e sem comê-los, e defendendo as árvores, os

arbustos, as ervas e os rios; em suma, se o espírito deve presidir à vida, deve muito bem, também, não escarnecer dela e aceitar que ela o sirva. Evidentemente, ao lado do gozo responsável dos prazeres, deve estar a consciência do nosso dever de fazer todos os possíveis para que os outros seres vivos se sintam bem neste mundo e para que este fique ainda mais bonito e acolhedor. E não é necessário dizer o que acontecerá em pouco tempo, se a Humanidade fizer o que apregoa o príncipe Nekhlíudov, ou seja, se continuar a acreditar em histórias da carochinha e a confiar o seu destino a seres sobrenaturais, e cada um não fizer o que pode fazer para manter as nossas condições de vida no planeta.

### Nota

1. É conhecida a reação do monarca à sugestão do seu ministro do Interior acerca da necessidade de tomarem alguma atitude contra o escritor. *“Não quero transformar o conde Tolstói num mártir”*.